



REVISTA INTER-LEGERE: ESTUDOS

UMA BREVE SINTOMATOLOGIA COGNITIVA DO MAL-ESTAR PÓS- MODERNO: OS DESCAMINHOS DO PENSAMENTO NO CAPITALISMO GLOBAL DE CONSUMO

ONE SOON COGNITIVE SINTOMATHOLOGY OF POST-MODERN
MALAISE: THE EMBEZZLEMENTS OF THE THOUGHT IN THE GLOBAL
CAPITALISM OF CONSUMPTION

**FRANÇOIS DE OLIVEIRA FERREIRA⁷**

Aluno do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/PPGCS, na modalidade mestrado.

RESUMO

A partir de uma breve análise retrospectiva do século XX, de seus programas ideológicos e da forma de ver o mundo que marcaram seus anos, aborda-se como, no início do século XXI, é pensada a realidade circundante por novos critérios (de descrédito dos mega-projetos e de uma perda do sentido histórico), de maneira a se caracterizar o que se convencionou chamar de pós-modernismo, destacando-se principalmente o que autores já denominam de “esquizofrenia” pós-moderna. A análise deste artigo se dá na contextualização necessária de como um tal comportamento, derivado de uma forma de pensar supostamente “neutra” ideologicamente, funciona favoravelmente a um modo de produção mundializado.

Palavras-chave: Pós-Modernismo; Esquizofrenia pós-moderna; Cultura e modo de produção capitalista.

⁷ Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e em Direito, pela Universidade Potiguar (UnP). Especialista em Direito Constitucional pelo Programa de Pós-Graduação em Direito, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Direito Constitucional e Processual Constitucional na Universidade Potiguar (UnP). Mestrando da linha de pesquisa “Estado e Políticas Públicas” do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). (e-mail: francois@digizap.com.br)

1 INTRODUÇÃO

Considerate la vostra semenza: fatti non foste a viver come bruti, ma per seguire virtute e conoscenza.

Dante Alighieri

Pensar a realidade é pensar o tempo presente, mas pensar o presente não quer dizer apenas refletir sobre o mundo circundante sem analisar criticamente nossa própria maneira de pensá-lo. O início do século XXI marca o pensamento contemporâneo com promessas questionáveis de êxito econômico, independência internacional e uma suposta neutralidade. Todos esses fatores, como qualquer criação cultural, precisam ser analisados como realidades históricas, a fim de desmistificar-lhes a influência porventura nociva sobre nossa forma de pensar ao conhecer-lhes a gênese histórica e seu papel ideológico em um inevitável jogo de poder (discursivo, midiático, financeiro) dentro do panorama econômico do modo de produção internacional, atualmente, vigente.

2 UM SÉCULO DE IDÉIAS QUE CUSTAM CARO

Se o século XIX é o século da “ciência”, no que esse termo pode carregar de mais positivista (e isso, claro, tem uma acepção tanto elogiosa quanto depreciativa⁸), o “breve século XX”⁹ é o século das ideologias – inclusive do aprofundamento e instrumentalização da ideologia da ciência¹⁰. Essas ideologias (políticas, econômicas estéticas e/ou comportamentais) variavam do futurismo ao surrealismo, passando pelo fascismo, socialismo ou utilitarismo. Todas elas apregoavam uma fenomenologia e uma ética próprias (ou seja, uma forma de se perceber o mundo e uma forma de se comportar nele), e algumas, como o socialismo, incluíam, em seu arsenal teórico, também uma ontologia – uma visão diferente do que é o mundo¹¹.

As ideologias, por serem, via de regra, auto-excludentes e não complementares, concorriam entre si pelos adeptos de que dispunham, e lutavam diretamente pelo domínio das instâncias a que se propunham – no caso, por exemplo, do fascismo e do socialismo, pela instância política, cenário da disputa direta entre essas duas formas de pensar. Os conflitos

⁸ Não podemos esquecer que os avanços técnicos e tecnológicos, por mais nocivos que tenham sido em certos aspectos, como o ambiental, por exemplo, em contrapartida também trouxeram benesses inegáveis à humanidade, como as descobertas farmacêuticas e a facilidade de comunicação.

⁹ Na concepção de Hobbsbawn, que considero acertadíssima. In: HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX:1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁰ Embora essa instrumentalização ideológica da ciência se aprofunde no século XX, desde o século XIX se preveniam os problemas dessa forma de pensar: o Frankenstein, de Shelley, e o Médico e o Monstro, de Stevenson, alertam para os riscos de uma ética de resultado, mesmo que com ótimas intenções. Não foi à toa que a preocupação de para que serve e como é utilizada a ciência foi uma preocupação de Einstein, por exemplo – e de Goebbels, inclusive.

¹¹ Sobre a ontologia a partir do marxismo, vide LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe: estudos de dialética marxista**. Porto: Publicação Escorpião, 1974 (A Reificação e a Consciência do Proletariado: I – o fenômeno da reificação). Também KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 (I – Dialética da Totalidade concreta).

ideológicos fizeram com que continuamente o cidadão comum precisasse se posicionar em relação ao mundo em que vivia, e a mobilização popular em torno de certos ideais traçou projetos coletivos que se responsabilizaram por ordenar o mundo no imaginário nacional, de classe ou mesmo individual. Existia uma razão e um objetivo para se lutar e conquistar, e essa marcha rumo a um fim legítimo, constituiu uma inspiração intelectual e deontológica para políticos, sindicalistas, trabalhadores, proprietários, artistas, cientistas, economistas, enfim, para quem se dispusesse a cumprir um papel social.

A existência de conflitos ideológicos, porém, como toda e qualquer criação humana, teve seus aspectos não somente positivos, mas também negativos: além de causas para se viver e lutar, as ideologias, quando levadas às praças públicas e aos gabinetes de governo, se tornaram igualmente uma razão para se morrer e matar, ou, em outras palavras, o que poderia servir para nortear e dirigir passou também a servir para impedir, negar, censurar, repreender e eliminar. A maioria das ideologias do século XX culminou com a exploração (geralmente econômica) e a opressão (geralmente política) de milhões de pessoas, e isso levou a uma gradual, porém aparentemente irreversível, descrença em relação a qualquer tipo de idéias, as quais visassem uma intervenção direta no mundo e propusessem uma forma coletiva de pensar – e modificar – a realidade.

Essa descrença gradativamente presente se agravou com o final do século, em que a quase totalidade das formas “alternativas”¹² de governo (via de regras associadas a ideologias políticas determinadas ou a modalidades totalitárias de vigência) ao redor do globo foram sendo substituídas por governos democráticos (supostamente “neutros” ideologicamente), e houve, além da derrocada do que se convencionou chamar de “socialismo real” no Leste europeu, a ascensão de um fenômeno mundial chamado de globalização – uma espécie de “ausência de regras”¹³ mais saudável, independente e alvissareira¹⁴ do que qualquer ideologia agonizante do subitamente decrépito século XX.

É nesse contexto, pois, que se começa a falar de pós-modernismo: há um novo mundo, e esse mundo precisa de uma nova forma de pensar compatível com suas novas realidades. É a esse papel que se propõe o pós-modernismo: ser uma forma de pensar, sentir e se comportar dentro de um novo contexto histórico e social que quer deixar os defeitos, cicatrizes e decepções do século XX para trás.

¹² Que, no final das contas, não se mostraram tão alternativas assim, propiciando inclusive uma série de debates sobre a ocorrência (e, por que não dizer?) sobre a própria viabilidade da implementação de um projeto político verdadeiramente “alternativo” ao modo de produção capitalista.

¹³ Costuma-se associar a ausência de regras com o acadêmico “*laissez-faire, laissez-aller*”, mas o pós-modernista com certeza deve preferir o pop “*no rules*” americano – fica à escolha do leitor.

¹⁴ Embora, claro, ninguém vá precipitadamente acreditar em algo tão asséptico e desinteressado. É bom se ressaltar que mesmo o silêncio, a omissão e a não intervenção são escolhas propositais entre valores diferentes, e, conseqüentemente, são atos deliberadamente ideológicos.

3 UM SÉCULO DE IDÉIAS QUE PASSAM RÁPIDAS!

O século XXI nasce sob um novo signo, o do mercado livre, o da sociedade global, o da “interdependência”¹⁵ entre as nações, povos e continentes – a era da globalização. Pautada por novas problemáticas (o terrorismo, o desastre ambiental, a pesquisa genética e a bioética, por exemplo) e com novas metas (como o mercado “global” sem barreiras), a globalização é um fenômeno multidimensional que abarca aspectos de várias ordens – políticos, econômicos, comportamentais e culturais, dentre outros.

A pós-modernidade pretende ser uma síntese, ou pelo menos uma forma sistematizada e abrangente¹⁶ de pensar os aspectos culturais¹⁷ dessa nova fase histórica vivida pelo globo. Ela sucede o modernismo, como diz seu nome, e afirma que a era histórica que inaugura não comporta mais as ideologias e formas de pensar o mundo que o modernismo trazia. Os grandes projetos coletivos, como o socialismo, e as grandes narrativas justificadoras, como a da História guiada pela razão iluminista, seriam agora ícones de um tempo passado, a exemplo dos discursos religiosos/éticos univalentes (geralmente eurocêntricos ou americanófilos) até então monopolistas do campo discursivo, ou das “certezas” morais (geralmente próximas do que já se chamou de “pequeno-burguesas”¹⁸) organizadoras do ideal urbano de civilização.

A contemporaneidade não poderia se dar ao luxo de acreditar em apenas um discurso ou na concretização de um mega/ideal coletivo porque viu ruir todos esses projetos e ser escancaradas todas as suas falhas, sabendo, além do mais, que certos discursos, como o da História progressista, ou do progresso como vetor do bem-estar social, são discursos frutos de uma certa época, que teve suas crenças, valores e realidades, e não um dado da natureza, absoluto e inexorável, inescapável na sua verdade científica. Assim, como essas mesmas sociedades, com seus discursos, não conseguiram efetivar aquilo em que acreditavam, e como já restam “desmascarados” e frustrados todos esses sonhos coletivos, a pós-modernidade supostamente seria uma nova forma de pensar que prescindiria dessas “fantasias”.

E por que a pós-modernidade prescindiria desse material teórico?

A pós-modernidade se propõe a ser uma reunião de discursos, cada qual dotado de sua “própria” verdade, em que várias “vozes sociais” se fazem ouvir (negros, mulheres,

¹⁵ Analisando brevemente, mas de maneira contundente essa questão, vide BORON, Atilio. **Império & Imperialismo**: uma leitura crítica de Michael Hardt e Antônio Negri. Buenos Aires: Clacso, 2002.

¹⁶ Embora não acredite nessas características como organizadoras de projetos coletivos, a pós-modernidade, para se constituir em uma forma de pensamento, precisa de ambas a moldar-lhes conteúdo e propostas.

¹⁷ Embora, na realidade, não seja possível distinguir, na realidade, efeitos político s de econômicos, culturais, comportamentais, etc. A divisão é para efeitos didáticos.

¹⁸ A expressão “pequeno-burguesas” via de regra adjetivou boa parte das atitudes acomodáticas, medíocres, mesquinhas e individualistas que se contrapuseram ou não aderiram aos projetos marxistas do século XX, embora seja, na verdade, uma expressão do século XIX – visto que tanto Flaubert quanto Balzac já a utilizavam em sentido semelhante.

homossexuais, etc¹⁹), sem que se pretenda, com isso, se sobrepor umas às outras, mas apenas que tenham todas um espaço discursivo, visto que não há como compatibilizá-las ou torná-las excludentes entre si. A pós-modernidade considera esse caráter fragmentário e um tanto quanto caótico outra característica de sua vigência, em que se tem um mundo midiático também produtor e modificador da realidade²⁰ em uma velocidade impressionante, e o sujeito humano cada vez mais se aliena de sua realidade²¹ física para viver o mundo do contexto midiático em que está inserido.

Vivendo, portanto, uma considerável inserção em um mundo midiático e também virtual, pelo desenvolvimento das formas de comunicação através principalmente dos avanços tecnológicos da computação, o sujeito vive um espaço e um tempo novos e diferenciados²². Essa sucessão de fluxos contínuos de informação descontinuada e caótica cria em si uma atitude de incompreensão do mundo (que não consegue compreender em profundidade, apenas em superfície) e uma sensação de que tudo não pára, não pode parar nem esperar²³ – o envelhecimento se torna acelerado pelo próprio ritmo acelerado de vida, informações, trabalho e transportes. Tudo fica à mercê de um tempo urgente, e assim se esvanece a noção da construção histórica da vida social, que cada vez mais se volta para o presente incessante e perde a noção de continuidade, temporalidade linear e consecutividade²⁴.

Claro que esse ritmo frenético de vida não surge descompassado de uma realidade econômica. Acompanhando a realidade midiática e informacional, a forma de produção capitalista se aprimora e, beneficiando-se dos avanços técnicos possibilitados principalmente pela robótica, computação e telecomunicações, atinge níveis globais de montagem e distribuição de produtos, prestação de serviços ou mesmo fornecimento ilimitado de novos bens de consumo, como imagens, sons, dados virtuais, etc. A própria mídia se torna um dos mais lucrativos investimentos em um mundo que não pára, e, ao acompanhar o ritmo das inovações tecnológicas e da produção em escala global com distribuição imediata, gera um

¹⁹ JAMESON, Frederic. Pós-modernidade e sociedade de consumo. In: **Novos Estudos CEBRAP**, nº12. São Paulo: junho de 1985 (texto apresentado como conferência no Whitney Museum, em 1982).

²⁰ THOMPSON, John B. O advento da interação mediada. In: **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia.. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. cap. 3.

²¹ HARVEY, David. Pós-Modernismo. In: **A Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992. cap.3.

_____. A Compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna. In: **A Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992. cap.17.

²² CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: a era da informação - economia, sociedade e cultura. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1. (Prólogo: a Rede e o Ser; O espaço de fluxos; O limiar do eterno; tempo intemporal; Conclusão: A Sociedade em rede).

²³ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. 9ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1992 (Marx, modernismo e modernização).

²⁴ JAMESON, Frederic. *Op. Cit.* p. 17-25.

efeito em cadeia na vida em sociedade, que começa a pensar também em um novo ritmo seu próprio dia-a-dia²⁵.

Isso tem, claro, suas conseqüências do ponto de vista cognitivo. Se há vários discursos, nenhum deles excludente dos demais, e nenhum também, por sua vez, abrangente de todos os outros, se tudo é produto, tudo é consumo, nada pode esperar, e não existe mais a continuidade histórica linear na qual a modernidade se acostumara a trabalhar. Daí algumas conseqüências surgirão para o cidadão envolvido e inserido nesse contexto, que passará a acompanhar um mundo de tempo e espaços incertos, movediços, de fluxos incessantes, em que tudo já parece ser muito antigo mesmo antes de ser consumado.

A ascensão, por exemplo, na vida acadêmica, de uma corrente filosófica chamada de desconstrutivismo, em que se pode, a partir de várias releituras, chegar a praticamente reescrever o texto que se trabalha, mostrando, com isso, a quebra dos referenciais teóricos que supúnhamos certos, é uma característica da pós-modernidade, assim como é a arte *retrô*, no mundo da produção artística, que busca recuperar um passado idílico, livre das incertezas e dos fluxos incompreensíveis da contemporaneidade, ausente desse novo mundo urgente e ininterrupto, também é uma conseqüência dessa nova forma de viver²⁶.

4 UM SÉCULO DE IDÉIAS QUE DEIXAM ZONZO: A ESQUIZOFRENIA COMO SINTOMA DA PÓS-MODERNIDADE

Todas as considerações do tópico anterior culminam, porém, no que Frederic Jameson²⁷ denomina de “esquizofrenia” pós-moderna, um estado cognitivo em que se vive intensamente o presente, a exemplo do esquizofrênico lacaniano, e não se consegue articular uma continuidade dele com o passado e o futuro, razão pela qual, de certa forma, todos se encontram aprisionados a ele. Essa vivência extrema do presente gera um efeito de mal-estar no cidadão contemporâneo, que perde, nessa intensidade de um momento só, a noção de causalidade, consecutividade e anterioridade, desligando-se mais facilmente da continuidade histórica, como processo social e humano de condução da realidade²⁸, acreditando que tanto o passado é algo antigo e “ultrapassado” quanto o futuro é um lugar misterioso ao qual não temos acesso pela nossa visão entorpecida pelo maravilhoso caleidoscópio do presente²⁹.

²⁵ Brevíssimas considerações sobre a necessidade de um mundo e um ritmo de vida assim em JAMESON, Frederic. *Op. Cit.* p.25-26.

²⁶ EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Prefácio, 1. Primórdios e 2. Ambivalências)

²⁷ JAMESON, Frederic. *Op. Cit.* p.16-26.

²⁸ Quanto a essa percepção, comparem-se as considerações de Karel Kosik e Frederic Jameson nas obras já citadas. In: JAMESON, Frederic, *Op. Cit.* p.16-26, e KOSIK, Karel. *Op.Cit.* p. 9-54.

²⁹ Curiosa, mas não coincidentemente, essa visão equivale à idéia de que a História “terminou” – uma conveniência teórica que vale a pena ser propagada no fito de se “naturalizar” o capitalismo mundializado.

Essa esquizofrenia pós-moderna, então, contribui para a alienação do sujeito de seu papel de agente histórico, de sua autopercepção, como vontade política e força produtiva, e contribui para que se acredite que a real integração do eu ao mundo seja justamente sua maior dissociação em relação a ele: a integração completa não a um processo histórico contemporâneo, sabendo-se de suas particularidades, metas e descaminhos políticos, ideológicos e econômicos, mas à imersão inconsciente e inconseqüente dentro de uma existência de consumo pós-moderna que não vai além dos fluxos de imagens e dados que proporciona.

O efeito entorpecente e alienatório da pós-modernidade causa o mal-estar da incompreensão da realidade circundante e isso se deve justamente ao comprometimento da visão que se deve ter da realidade como totalidade. Segundo Karel Kosik³⁰, somente ao perceber a realidade como um processo histórico de ontologia social, ou seja, como um conjugado de fatores derivados da dialética histórica em uma dada sociedade, o qual, apesar de não podermos compreender em sua completude definitiva, sabemos que devemos considerar nas análises que empreendemos; somente assim, como dizíamos, começamos a compreender nosso papel no mundo e conseguimos superar a pseudo-totalidade, ou seja, nosso estado de alienação, e alcançamos uma plena autopercepção como força de trabalho, sujeito histórico e agente político capaz de intervir na realidade.

A ausência dessa visão de totalidade, ou seu comprometimento pela imersão em um mundo ideologicamente fragmentário e descontínuo, movido por fatores produtivos globais e fugazes, tão rápidos quanto os estímulos midiáticos e as informações eletrônicas, gera o mal-estar que é comum, então, à esquizofrenia referida por Jameson. Ao se sentir fora de seu mundo, o homem comum vivencia outras realidades, mas o faz pela metade, pois, ao mesmo tempo em que experimenta novas possibilidades trazidas pelo consumo, pela virtualidade e pelos órgãos midiáticos, vê-las frustradas pela incapacidade que têm tais propostas de, por si sós, concretizarem uma emancipação humana de sua condição de miséria econômica, insatisfação pessoal, incompreensão existencial ou imobilidade política.

O contraste, aliás, entre o “tudo” que é prometido e o “nada” que é concretizado dentro da contemporaneidade sintetiza muito bem o ilusionismo da pós-modernidade, e ela, mais que uma superação das ideologias, principalmente no tocante a esse aspecto da ilusoriedade de suas promessas, se apresenta muito mais como uma desistência deliberada de qualquer forma

³⁰ KOSIK, Karel. *Op. Cit.* p 9-54.

alternativa de pensar o mundo que permita reordená-lo do que uma percepção de que é impossível fazê-lo³¹.

O fato de se ter de pensar em como compreender, sentir e agir em um mundo caracterizado pelo capitalismo em escala global, de inovações tecnológicas até bem pouco tempo inimagináveis e com uma noção de tempo e espaço realmente diferenciados³², não quer dizer que se tem de promover esse pensamento exatamente pelos imperativos que o mundo sobre o qual se pensará exige para sua produção econômica³³. Também não quer dizer que necessariamente haverá uma maneira fácil ou prazerosa de fazê-lo, nem que essa forma será lucrativa, vantajosa ou vendável, até porque isso seria, ao contrário de parar honestamente para pensar sobre a questão, aproveitar a necessidade de compreender o mundo contemporâneo para aferir as benesses materiais de sua lógica sem o mínimo comprometimento com o objetivo intelectual proposto.

A independência, então, da pós-modernidade e seu caráter inovador, como forma de pensar a cultura na contemporaneidade, fica comprometida quando abordada desta maneira porque se percebe que, na realidade, sua escolha não foi entre continuar elaborando meganarrativas ao estilo do século XX ou partir para a elaboração de um pensamento que legitimasse e permitisse as incontáveis fissuras de um admirável mundo novo repleto de possibilidades pessoais. Sua escolha foi entre aceitar uma forma de produção global que exige velocidade, fragmentação e consumo desenfreados, ou de pensar essa mesma forma de produção criticamente e de maneira compromissada com sua transformação, dentro dos limites da viabilidade, no fito de tornar o humano mais cômico de si mesmo, e mais independente em relação a esse mundo que, muitas vezes, mal compreende.

5 CONCLUSÕES

A esquizofrenia que o pós-modernismo proporciona, deliberadamente ou não, nada mais é que a consequência, então, de sua lassidão teórica, e de seu oportunismo intelectual, que, sob a capa de uma suposta neutralidade ideológica e baseado nas inovações tecnológicas, produtivas e midiáticas verificadas na contemporaneidade, quer pensar a

³¹ Explico-me afirmando que perceber e compreender uma impossibilidade é mais do que desistir de enfrentá-la e entendê-la, e algumas opções pós-modernas demonstram bem a opção de seus pensadores: a defesa do irracionalismo, por exemplo, não deixa dúvida de qual caminho via de regra o pós-modernismo prefere trilhar.

³² Permito-me comentário similar ao que fiz páginas acima: curiosamente, mas não coincidentemente, exatamente quem mais diverge (neoliberais, pós-modernos) dos ditos "marxistas" acaba demonstrando, com seu comportamento e pensamento, o que os socialistas/comunistas precisamente pregavam: a infra-estrutura é determinante na formulação das super-estruturas correspondentes.

³³ Quer dizer, claro, que é necessário considerá-los na elaboração do pensamento, ou seja, eles são fatores a serem ponderados, mas isso não os faz comandos a serem obedecidos – e essa diferença é óbvia!

realidade circundante como um fruto indissociável dessas inovações e caracterizar nosso tempo como nossa imersão nessa nova teia de consumo e alienação.

Na verdade, isso nada mais é que aceitar uma forma de agir do modo capitalista de produção, que chega a uma nova dimensão de sua expansão internacional e é brindado agora com uma fórmula acadêmica compatível com seus objetivos de reprodução e acumulação, legitimados que estão pela própria ontologia decorrente da pós-modernidade, na qual somente existe o presente, e é preciso vivê-lo intensamente sem maiores preocupações, como se fôssemos também e apenas, a exemplo dos comerciais televisivos, mais uma informação a ser exaurida enquanto útil e descartada depois de usada.

Essa lógica e essa prática são extremamente nocivas à ontologia e gnosiologia contemporâneas e à forma individual e corriqueira de cada cidadão se perceber como participante e produtor do mundo. A condição de sujeito histórico de nações, classes e indivíduos fica obliterada pelo novo discurso ideológico do modo de produção capitalista, compatível com sua fase histórica, e o discurso acadêmico se deixa levar por considerações teóricas discursivas que, embora condizentes com uma nova realidade financeira, econômica e internacional, não precisam, necessariamente, servir de imperativos ao pensamento universitário. O cidadão comum e o produtor do saber acadêmico precisam recuperar a capacidade analítica de se perceberem sujeitos de suas realidades, e a capacidade crítica de detectar o favorecimento lógico de sua imersão inconsciente em um universo imperativo de consumo, a fim de reafirmar a necessidade da autonomia, coerência e seriedade do pensamento fundado, claro, na realidade presente de seu tempo histórico, mas crítico dessa mesma realidade em prol de seu papel transformador.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. 9 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (Marx, modernismo e modernização).

BORON, Atilio. **Império & Imperialismo**: uma leitura crítica de Michael Hardt e Antônio Negri. Buenos Aires, CLACSO, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: a era da informação - economia, sociedade e cultura. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1. (Prólogo: a Rede e o Ser; O espaço de fluxos; O limiar do eterno; tempo intemporal; Conclusão: A Sociedade em rede).

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Prefácio, 1. Primórdios e 2. Ambivalências).

ENGELS, F.; e MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HARVEY, David. Pós-Modernismo. *In*: **A Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992. cap. 3.

_____. A Compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna. *In*: **A Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992. cap.17.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX:1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMESON, Frederic. Pós-modernidade e sociedade de consumo. *In*: **Novos Estudos CEBRAP**, n. 12. São Paulo: junho de 1985. (Texto apresentado como conferência no Whitney Museum, em 1982).

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 (I – Dialética da Totalidade Concreta).

LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe**: estudos de dialética marxista. Porto: Publicação Escorpião, 1974 (A Reificação e a Consciência do Proletariado: I – o fenômeno da reificação).

THOMPSON, John B. O advento da interação mediada. *In*: **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia.. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. cap. 3.